

## Trecho de “A parte dos crimes”

2666, de Roberto Bolaño

“Antes do ano de 1993 acabar, no entanto, ocorreu outro fato lúgubre que nada tinha a ver com os assassinatos de mulheres, supondo-se que estes tivessem alguma relação entre si, o que ainda estava por provar. Naquela ocasião, Lalo Cura e seus dois funestos colegas trabalhavam protegendo todo dia a mulher de Pedro Rengifo, que Lalo só havia visto uma vez e de longe. Por outro lado, já conhecia vários dos guarda-costas que ele tinha a seu serviço. Havia alguns que pareciam interessantes. Pat O’Bannion, por exemplo. Ou um índio iáqui que quase não falava. Seus dois companheiros, em compensação, só lhe causavam desconfiança. Com eles não se podia aprender nada. O altão de Tijuana gostava de falar da Califórnia e das mulheres que tinha conhecido por lá. Misturava palavras em espanhol com palavras inglesas. Dizia mentiras, lorotas de que só achava graça seu companheiro, o de Juárez, que era mais calado, mas que também era o que menos confiança lhe inspirava. Uma manhã, como tantas outras, a senhora foi levar as crianças para a escola. Saíram em dois carros, o da senhora, um Mercedes verde-claro, e uma caminhonete Grand Cherokee marrom, que ficava parada numa esquina da escola a manhã toda com outros dois guarda-costas dentro. Esses dois eram chamados de os guarda-costas dos moleques, da mesma maneira que ele e seus dois colegas eram chamados de os guarda-costas da patroa, todos de categoria inferior aos três que cuidavam de Pedro Rengifo, que eram chamados de os guarda-costas do chefe ou os capangas do chefe, denotando assim uma hierarquia não só de salário e funções mas também de valor pessoal, de arrojo, de desprezo pela própria vida. Depois de deixar os filhos na escola a mulher de Pedro Rengifo tinha ido às compras. Primeiro esteve numa loja de roupas, depois foi a uma perfumaria e mais tarde resolveu visitar uma amiga que morava na rua Astrónomos, na colônia Madero. Durante cerca de uma hora Lalo Cura e os dois guarda-costas ficaram esperando, o de Tijuana dentro do carro, Lalo e o juarense encostados no para-lama, sem conversar. Quando a senhora saiu (a amiga acompanhou-a até a porta) o de Tijuana desceu do carro, e Lalo e o outro se endireitaram. Na rua havia algumas pessoas, não muitas, mas algumas. Gente que ia andando para o centro, fazer sabe lá o quê, gente que se preparava para as festas de Natal, gente que saía para comprar tortillas para o almoço. A calçada era cinzenta, mas o sol que atravessava a ramagem de algumas árvores fazia que parecesse azulada, como se fosse um rio. A mulher de Pedro Rengifo deu um beijo na amiga e saiu à calçada. O juarense se apressou em abrir o portão de ferro. Num extremo da calçada não se via ninguém. Do outro vinham em direção a eles duas empregadas domésticas. Quando a senhora saiu à rua, se virou e disse alguma coisa à amiga, que não se mexia na porta. Então o de Tijuana viu que atrás das duas empregadas vinham dois homens e ficou tenso. Lalo Cura viu a cara do de Tijuana, depois viu os homens e supôs de imediato que eram pistoleiros e estavam ali para matar a mulher de Pedro Rengifo. O de Tijuana se aproximou do

juarense, que ainda segurava o portão de ferro e lhe disse alguma coisa, mas não se sabe se disse com palavras ou com um gesto. A mulher de Pedro Rengifo sorriu. Sua amiga deu uma risada que Lalo escutou como se viesse de muito longe, do alto de um morro. Depois viu como o de Juárez olhava para o de Tijuana: de baixo para cima, como um porco olhando para o sol cara a cara. Com a mão esquerda soltou a trava da pistola Desert Eagle, depois ouviu o ruído dos saltos da mulher de Pedro Rengifo que se dirigia para o carro e as vozes das duas empregadas cheias de interrogações, como se em vez de conversar não parassem de se interpelar e se espantar, como se nem elas mesmas pudessem acreditar naquilo que se contavam. Nenhuma tinha mais de vinte anos. Vestiam saia ocre e blusa amarela. A amiga da senhora, que fazia da porta de casa um gesto de adeus com a mão, vestia calça justa e suéter verde. A mulher de Pedro Rengifo estava de vestido branco e seus sapatos de salto alto também eram brancos. Lalo pensou no vestido da mulher do chefe justo no momento em que os outros dois guarda-costas saíram correndo rua abaixo. Quis gritar: não arreguem, seus babacas de merda, mas só conseguiu murmurar babacas. A senhora de Pedro Rengifo não percebeu nada. Os pistoleiros afastaram com um empurrão as domésticas. Um deles empunhava uma metralhadora Uzi. Era magro, de pele escura. O outro empunhava uma pistola e vestia terno escuro e camisa branca, sem gravata, parecia um executivo de verdade. No momento em que as empregadas foram empurradas para deixar limpo o alvo, a mulher de Pedro Rengifo sentiu que puxavam seu vestido e a jogavam no chão. Enquanto era derrubada viu cair, na frente dela, as empregadas e pensou que havia um terremoto. Também viu, com o rabo do olho, Lalo ajoelhado com a pistola na mão, depois ouviu um barulho e viu saltar um cartucho da pistola que Lalo empunhava, depois não viu mais nada porque sua testa bateu com toda força no cimento da calçada. Sua amiga, que continuava parada no umbral da porta de casa e que, portanto, gozava de uma perspectiva mais geral da cena, começou a berrar, incapaz de fazer qualquer movimento, embora no fundo do seu cérebro uma vozinha lhe dissesse que melhor do que berrar era entrar em casa e trancar a porta à chave, ou, caso não conseguisse fazê-lo, pelo menos se atirar no chão e se esconder detrás dos pés de gerânios. O de Tijuana e o de Juárez, naquela altura, já haviam percorrido vários metros e, apesar de suarem e ofegarem, pois não estavam acostumados ao exercício físico, não paravam de correr. No que diz respeito às empregadas domésticas, no exato momento em que caíam no chão, ambas se encolheram e começaram a rezar ou a se lembrar depressa de seus entes queridos, e ambas fecharam os olhos, que só tornaram a abrir depois que tudo acabou. Já para Lalo Cura o problema estava em decidir agora mesmo em qual dos dois pistoleiros ia atirar primeiro, se no da Uzi ou no que tinha mais jeito de ser um profissional. Devia ter atirado neste último, mas atirou no primeiro. A bala se incrustou no peito do tipo magro e escuro e o derrubou no ato. O outro se moveu imperceptivelmente para a direita e também teve uma dúvida. Como era possível que aquele rapaz estivesse armado? Como era possível que não houvesse saído correndo com os outros dois guarda-costas? A bala do profissional se alojou no ombro esquerdo de Lalo Cura,

afetando os vasos sanguíneos e fraturando o osso. Ele sentiu um tremor e sem mudar de postura tornou a disparar. O profissional caiu de boca no chão e seu segundo tiro se perdeu no ar. Ainda estava vivo. Olhou para o cimento da calçada, os tufo de mato que cresciam por entre as fissuras, o vestido branco da mulher de Pedro Rengifo, o tênis do rapaz que se aproximava para dar cabo dele. Moleque de merda, sussurrou. Depois Lalo Cura voltou sobre seus passos e viu ao longe as figuras de seus dois ex-colegas. Apontou com cuidado e disparou. O juarense se deu conta de que estavam atirando neles e acelerou a corrida. Na primeira esquina desapareceram.”

Trecho de: Roberto Bolaño. “2666”. Apple Books. p. 754-759.